

humanitas

Vol. XXIII Ž J ; H

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXIII E XXIV



COIMBRA
MCMLXXI-MCMLXXII



Em não poucos casos, o erro já se encontra no original inglês, como p. ex.:

<i>Pág.</i>	<i>Linha</i>	<i>Onde se lê</i>	<i>Leia-se</i>
11	17	ἄμαρτία	ἀμαρτία
30	1	αἷμα	αἶμα
54	últ.	των	των
123	penúlt.	τω	τῷ
242	4	νομους	νόμους

Não queremos — nem podemos — alongar mais esta recensão. Por isso, limitámo-nos as nossas observações mais importantes *apenas* — note-se bem — à primeira centena de páginas do volume I. Quanto ao que fica pelas restantes seiscentas e tantas páginas, o leitor paciente terá de julgar por si.

CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA

T. B. L. WEBSTER, **Greek Tragedy. Greece & Rome.** New Surveys in the Classics N.º 5. Oxford, at the Clarendon Press, 1971, 39 pp.

Neste opúsculo, Webster dá-nos uma visão, rápida e actualizada, dos principais problemas inerentes à tragédia grega, o mesmo será dizer, aos três maiores poetas trágicos gregos. Obra de leitura acessível e agradável, vem trazer algumas achegas curiosas, baseadas nas mais recentes descobertas de fragmentos em papiros, ao muito que já se tem dito sobre o assunto, justificando, deste modo, a sua inclusão numa série que se intitula «New Surveys» sobre os Clássicos.

Numa curta introdução (pp. 1-6), Webster ocupa-se das origens da tragédia, do edifício do teatro e de seus mecanismos de cena (*ἐκκύκλημα* e *μηχανή*), da *σκηνή* e do aumento gradual das suas portas, do alteamento progressivo do palco, da música e da métrica da tragédia.

Ao referir-se, muito de passagem, à música como um dos «components of Greek drama», afirma o A. que «no fifth-century music survives, and fragments of later music throw no light on an art which we know was changing very fast in the fifth century» (pp. 4-5). Uma afirmação tão categórica sobre a nossa ignorância de um elemento tão importante do drama grego é apoiada pelo que o A. diz em a nota 3 da p. 4: «Duvido muito que o papiro do *Orestes* (...) contenha a música original de Eurípides; os papiros musicais afiguram-se-me partituras de virtuosos tardios que compunham a sua própria música.»

No capítulo a respeito de Ésquilo (pp. 7-18), Webster trata, em primeiro lugar, dos fragmentos das peças perdidas, nomeadamente da *Niobe*. E o que diz desta tragédia é, afinal, o que já se encontrava em A. Lesky (*A History of Greek Literature*. Trad. ingl. New York, Thomas Y. Crowell Company, s.d., p. 265): que as duas dezenas de versos da *Niobe*, apesar de lacunas graves, nos mostram uma das carac-

terísticas do pensamento esquiliano, a saber, «os perigos da prosperidade» (1). Sobre este ponto, porém, o A. toma uma posição que não será, talvez, a mais geralmente aceita, ao admitir a possibilidade destes versos serem ditos pela própria Níobe. Se assim fôr, o fragmento terá de pertencer, forçosamente, a uma fase adiantada da tragédia, pois sabemos por Aristófanes (*Ranae*, vv. 911-913) que Níobe e Aquiles (numa outra peça), segundo um processo muito esquiliano, permaneciam longamente em cena sem proferir uma só palavra (*γυύζοντασ ούδέσ τοντι*).

No tocante à cronologia das tragédias de Sófocles, Webster é de opinião que a semelhança de temas ou de tratamento da intriga é um indício seguro para o seu estabelecimento: «It seems likely (and it certainly seems to work with Euripides) that plays which deal with the same kind of problem or which share the same general approach to their subject-matter are unlikely to be far apart in time of composition» (p. 21). Segundo este critério, a *Electra* de Sófocles teria sido representada em 413, muito depois da de Eurípides, e um ano antes da *Helena*: portanto, numa data que a aproxima do *Filoctetes* (409), com o qual apresenta grandes semelhanças de estrutura, tratamento da intriga, métrica e técnica do diálogo (vd. p. 22).

Mas é a respeito do último dos três tragediógrafos que este trabalho nos traz mais novidades, pois «in recent years, as earlier, papyri have given us more information about Euripides than about either of the other two tragic poets» (p. 28).

C. A. L. F.

ROBERT ÉTIENNE, *La vie quotidienne à Pompéi*. Paris, Hachette, 1966, 486 pp. com ilustrações.

PIERRE GRIMAL, *Les jardins romains*. Paris, Presses Universitaires de France, 1969, 516 pp. com ilustrações e 32 gravuras extratexto.

The Greek Stones Speak é o título sugestivo de um «paper-back» publicado há anos nos Estados Unidos da América do Norte (2). Título expressivo, dissemos, que poderíamos bem acrescentar, *mutatis mutandis*, ao do excelente livro de

(1) P. 7. Os versos, em que esta ideia aparece expressa, eram já conhecidos por uma citação de Platão, *A República*, 2, 380a:

«Deus faz surgir uma falta no homem,
quando quer arruinar por completo uma casa.»

(Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira, *A República*. Introdução, tradução e notas de... Lisboa, Fundação C. Gulbenkian, 1972, p. 93).

(2) Paul MacKendrick, *The Greek Stones Speak*. New York, A Mentor Book, 1966.